

HISTÓRIA DAS UNIVERSIDADES

Desde a graduação e, posteriormente, na pós-graduação, perguntas ficaram sem respostas. Dessa forma, resolvi me aprofundar no assunto: meu ambiente de trabalho. Oportunidade interessante foi receber no “café filosófico” de Botucatu, idealizado pelo Professor Ivan Guerrini do IBB/UNESP, o reitor na época da Universidade Federal da Bahia, Professor Naomar de Almeida Filho que trouxe o texto usado como referência do MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Plano de expansão e reestruturação da arquitetura curricular na Universidade Federal da Bahia: termo de referência, Salvador, Bahia, 2007. Esse texto foi base para meu olhar sobre a história das universidades.

Em Atenas, no século IV a.C., foram fundadas importantes escolas destinadas ao ensino da filosofia, onde jovens aristocratas discutiam e aprendiam com seus mestres. Destacam-se entre elas, a *Academia* de Platão, o *Liceu* de Aristóteles e os *Jardins* de Epicuro que podem ser consideradas antecipações históricas das futuras instituições de educação superior, as universidades. A academia platônica impressiona pela longevidade, pois só foi extinta em 526, sobrevivendo por cerca de novecentos anos (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Plano de expansão e reestruturação da arquitetura curricular na Universidade Federal da Bahia: termo de referência, Salvador, Bahia, 2007).

A instituição que veio a ser chamada de Universidade se constituiu na Idade Média (início foi marcado pela queda do Império Romano do Ocidente, em 476, e o fim, pela tomada de Constantinopla pelos turcos em 1453), no contexto do renascimento comercial e urbano do início do segundo milênio. Em consequência desse renascimento, o número de escolas secundárias catedralícias havia aumentado extraordinariamente, espalhando-se por toda a Europa Ocidental. Isso contribuiu para o surgimento das primeiras universidades, organizadas como corporações de estudantes e professores que obtinham seu reconhecimento formal através de bulas papais ou cartas de outorga de imperadores e reis (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Plano de expansão e reestruturação da arquitetura curricular na Universidade Federal da Bahia: termo de referência, Salvador, Bahia, 2007).

Bolonha (século XI - 1088) e Paris (século XII) foram os centros urbanos medievais onde se organizaram essas primeiras instituições, que tinham uma estrutura semelhante nos seus estudos básicos das chamadas artes liberais: o *trivium* (estudos dedicados à linguagem: gramática, lógica e retórica) e o *quadrivium* (aritmética, geometria, astronomia e música). Essa estrutura curricular dava continuidade a uma tradição que se iniciou na Academia de Platão e atravessou a civilização romana (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Plano de expansão e reestruturação da arquitetura curricular na Universidade Federal da Bahia: termo de referência, Salvador, Bahia, 2007).

Estrutura curricular geral (secundário): gramática, lógica, retórica, aritmética, geometria, astronomia e música. Posteriormente, seguiram-se os cursos de Direito, Teologia e, posteriormente, Medicina, que constituíam os níveis superiores de educação. Quanto ao curso de Medicina, embora antes da constituição formal das universidades, já existissem escolas de preparação de médicos - como a pioneira escola de Salerno, criada no século X - é somente no século XIII que esses cursos passam a integrar universidades (Montpellier: 1220, Salerno: 1231) As universidades se expandiram por toda a Europa Medieval: por volta do ano 1300, havia quinze universidades e, em 1500, mais de setenta (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Plano de expansão e reestruturação da arquitetura curricular na Universidade Federal da Bahia: termo de referência, Salvador, Bahia, 2007).

A revolução científica do século XVII traz um modo inteiramente novo de estudar a natureza, mas, paradoxalmente, não surge nem se desenvolve no interior das universidades, embora dois grandes nomes desse movimento, Galileu e Newton, tenham sido professores universitários. A resistência, e em alguns casos, a hostilidade das instituições universitárias dessa época ao “novo saber” fez com que surgissem numerosas sociedades científicas, sob a forma de academias, jardins botânicos, observatórios, laboratórios e museus onde se produzia e ensinava esse saber, então denominado de filosofia natural. Esses ambientes tiveram um papel decisivo no desenvolvimento do conhecimento científico (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Plano de expansão e reestruturação da arquitetura curricular na Universidade Federal da Bahia: termo de referência, Salvador, Bahia, 2007).

Ainda no final do século XVIII, a universidade tinha três faculdades superiores, Teologia, Direito, Medicina e uma faculdade inferior, a de Filosofia, herdeira da tradição medieval do *studium generale*. Kant analisa criticamente a estrutura da educação superior do seu tempo: a verdade da Faculdade de Teologia era estabelecida pela divindade; a verdade da Faculdade de Direito se submetia à vontade do soberano; a verdade da Faculdade de Medicina advinha do princípio de autoridade. Argumenta o filósofo que a verdade da Faculdade de Filosofia resultava do escrutínio científico do mundo, não submissa à autoridade do Deus, dos velhos mestres ou do soberano, para a definição da verdade, em um registro claro de autonomia, tanto em relação às faculdades superiores quanto perante poderes externos (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Plano de expansão e reestruturação da arquitetura curricular na Universidade Federal da Bahia: termo de referência, Salvador, Bahia, 2007).

Divulgado em 1810, o Relatório Humboldt estabelecia o primado da pesquisa, priorizando a outrora faculdade inferior, assim realizando a proposta kantiana de universidade. Do ponto de vista de organização do saber, a reforma humboldtiana consolidou o sistema de gestão acadêmica com base no conceito da cátedra, instância de repartição dos campos de conhecimento em disciplinas científicas. Neste conceito, estendido à noção de “liberdade de cátedra”, para cada disciplina científica haveria um líder intelectual autônomo e responsável tanto pela gestão dos processos administrativos como pela gestão acadêmica dos conteúdos curriculares. A primeira universidade totalmente organizada de acordo com os princípios e diretrizes do Relatório Humboldt foi a Universidade de Berlim (MINISTÉRIO DA

EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Plano de expansão e reestruturação da arquitetura curricular na Universidade Federal da Bahia: termo de referência, Salvador, Bahia, 2007).

Esse modelo de universidade, entretanto, não é o único que se consolida a partir do século XIX. Na França, ainda no final do século XVIII, os enciclopedistas propõem um modelo de formação superior em contraposição à velha universidade corporativa, eclesiástica e aristocrática. Mas a reorganização da educação superior francesa só começará a acontecer no período pós-revolucionário (Convenção, 1794), com a criação da *École Polytechnique* e a *École Normale Supérieure* que tinham por objetivo atender às exigências da revolução industrial e às demandas por quadros superiores para a burocracia estatal, e se tornaram modelos para muitas nações. No período napoleônico foi realizada uma grande reforma educacional em todos os níveis do ensino. De modo geral, os países do sul da Europa adotaram o modelo francês enquanto os países mais ao norte, de tradição protestante, seguiram o modelo germânico (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Plano de expansão e reestruturação da arquitetura curricular na Universidade Federal da Bahia: termo de referência, Salvador, Bahia, 2007).

Na Inglaterra, desenvolveu-se um terceiro modelo que, mantendo as tradicionais universidades de Oxford e Cambridge com o perfil aristocrático e de cultivo de um saber “desinteressado”, criou em paralelo uma rede de instituições superiores científicas e técnicas, formando engenheiros, agrônomos, médicos, contadores e outros profissionais. As finalidades desse modelo eram muito pragmáticas: atendimento das demandas econômicas de um país que, no século XIX, era a maior potência industrial, militar e colonial do mundo e centro de uma economia capitalista em rápida expansão e profunda transformação (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Plano de expansão e reestruturação da arquitetura curricular na Universidade Federal da Bahia: termo de referência, Salvador, Bahia, 2007).

Nos Estados Unidos, as primeiras instituições superiores surgem no século XVII, o primeiro século da colonização. Os primeiros *colleges* não eram cópias de Oxford ou Cambridge, mas escolas utilitárias que buscavam atender às necessidades educativas das comunidades locais e preservar seus valores. A forte tradição protestante da sociedade colonial norte-americana foi a motivação básica do esforço de alfabetização de sua população, possibilitando a todos acesso direto aos textos bíblicos. Essa valorização da educação transformou a sociedade norte-americana numa das mais escolarizadas do mundo, ainda no período colonial (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Plano de expansão e reestruturação da arquitetura curricular na Universidade Federal da Bahia: termo de referência, Salvador, Bahia, 2007).

Uma reforma da educação superior, levada a cabo em 1860, dividiu a educação superior norte-americana em modelos bastante distintos: o primeiro, inspirado no modelo universitário alemão, representado pela Universidade de Harvard e a recém-criada Universidade John Hopkins, distanciava-se do utilitarismo para priorizar a investigação científica e o conhecimento humanístico, propiciando educação de alto nível e concessão de títulos

doutorais. O segundo modelo, previa dois tipos de instituição, os *junior colleges*, com duração de quatro anos, com o objetivo de preparação para o trabalho e elevação do nível de cultura geral, e os *land-grant colleges*, voltados para as ciências, as artes e algumas carreiras profissionais (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Plano de expansão e reestruturação da arquitetura curricular na Universidade Federal da Bahia: termo de referência, Salvador, Bahia, 2007).

No início do século XX, cinco fundações norte-americanas, lideradas pela *Carnegie Foundation*, instituíram em 1905 uma comissão que avaliou o estado da educação superior nos EUA, principalmente na área de saúde. A presidência da comissão foi entregue a Abraham Flexner, então um jovem educador, especialista em filosofia. No plano organizativo, a Reforma Flexner implantou o sistema departamental, com a separação entre gestão institucional (exercida pelos *Deans* das escolas e faculdades) e governança acadêmica, nesse caso conduzida pelos departamentos, compostos por todos os professores titulares (*Full Professor*), substituindo o regime de cátedra vitalícia da universidade humboldtiana. Além disso, a universidade norte-americana resultante da Reforma Flexner fomentava a organização de institutos e centros de pesquisa autônomos dos departamentos, propiciando flexibilidade e autonomia aos pesquisadores individuais ou em grupos (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Plano de expansão e reestruturação da arquitetura curricular na Universidade Federal da Bahia: termo de referência, Salvador, Bahia, 2007).

Em 1999, os ministros de educação dos países membros da União Europeia assinaram um grande tratado internacional, conhecido como a Declaração de Bolonha, em que se comprometeram a implantar, até 2010, compatibilidade plena entre os seus sistemas universitários.

Concluo que nossas universidades são jovens e têm bons espelhos a guiar. Essas informações são essenciais aqueles que ingressam na universidade, sejam estudantes, professores ou técnicos.

Referências bibliográficas compiladas:

A alegria de ensinar. Rubem Alves. ARS Poetica Editora LTDA, 1994.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Plano de expansão e reestruturação da arquitetura curricular na Universidade Federal da Bahia: termo de referência, Salvador, Bahia, 2007.

On being a scientist: a guide to responsible conduct in research / Committee on Science, Engineering, and Public Policy, National Academy of Science, National Academy of Engineering, and Institute of Medicine of the National Academies. 3rd ed., 2009.

Relatório de Ciências da UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura 7, *Place de Fontenoy*, 75352, Paris 07 SP, França, 2021.